

A PSICANÁLISE E A PREVENÇÃO

“Quase que parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões impossíveis quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios. As outras duas conhecidas são a Educação e o Governo.”

Sigmund Freud.

Em 1925, Freud afirmava que “o tratamento psicanalítico repousa sob condições precisas que podem ser resumidas pela expressão ‘situação analítica’, ele exige a formação de estruturas psicológicas determinadas, uma atitude específica do analista. Onde essas estruturas não existem – na criança, no adolescente a-social, de modo geral também no adolescente dominado por suas pulsões – é preciso recorrer a outros meios que não a análise, de modo a encontrar o mesmo objetivo. A obra educativa é de natureza particular, não deve ser confundida com os modos de ação da psicanálise e não pode ser substituída por eles. Por maior que seja a tentação do analista de tornar-se um educador, um modelo, um ideal para os outros, não deve esquecer nunca de que esta não é a sua tarefa na relação analítica, e, de que, na verdade faltaria a seus deveres, caso se permitisse seguir essa inclinação”.

Então, reflitamos acompanhando o texto de Freud: obra educativa, inclinação, modelo, saber educar, ato de ensinar... Seria ensinar um dom? O que afinal se transmite entre aquele que ensina e aquele que aprende? E se aquele que deveria ser o aprendiz não tem a menor disposição ou disponibilidade interna para conhecer e “apreender” o que se lhe quer ensinar?

Haveria nesse processo de (trans) missão, uma missão que transcende àquele que ensina e àquele que supostamente aprende, ou seja, missão-missione como ofício, mistério, obrigação, compromisso, dever. Podemos daí pensar também na prevenção como sendo uma transmissão, um dever, um compromisso, uma missão do pai, da pátria, das instituições? Cabe ressaltar que aqui se trata da missão do mestre antigo, do mestre grego, que tinha o compromisso de ensinar como ofício.

Vejam os o que afirma Lajonquière a esse respeito: “Ainda que não se saiba nada sobre o desejo do outro, ‘o mestre ensina porque é seu dever, é sua missão, porque transmitir é seu sintoma, sustentando com a sua posição este lugar impossível’, abrindo as possibilidades para que o aprendiz faça circular o seu desejo de saber. Neste sentido resta ao mestre ocupar sem vergonha, mas com sabedoria, este lugar ‘impossível’, fazendo semblante, quem sabe algum dia seu saber será também o do aprendiz”.

Para a Psicanálise a transmissão desse algo “impossível” só é possível na medida em que é transmissível de “um a um” sob o fundamento da transferência. Esta é uma condição necessária e por isso mesmo, se faz diferente da informação, do ensino e da prevenção. É uma forma de transmissão de saber que não é adquirido pela via intelectual e sim pela via dos significantes, pela via do Inconsciente, materializado pela palavra, pelo discurso.

Uma transmissão que visa o saber do sujeito em relação com a economia do seu gozo.

Para melhor conceituar, tratemos das definições de prevenir e de prevenção:

Prevenir, é o mesmo que frustrar, impedir, obstar; dispor-se com antecedência, avisar antecipadamente, pôr-se de prevenção. Já a prevenção é sinônimo de precaução, prudência, cuidado antecipado que pode servir e proteger a todos ou a grupos . A maneira pela qual a prevenção pode ser praticada, não é outra senão pela da Educação.

Já pela Psicanálise os efeitos esperados só poderão ser reconhecidos no “só depois”, no “a posteriori”, demandando tempo para cada sujeito, razão pela qual a sua prática não pode ser confundida com a prática das políticas de Saúde, da Educação, enfim, da Prevenção.

Frente a essas distinções podemos recorrer ao que Lacan propõe com a Psicanálise em intenção e em extensão. “Na Intenção o psicanalista é chamado a dar conta daquilo que o qualifica a ocupar o seu lugar na condução de uma cura, ou seja, a dar conta de sua própria análise, no que ela lhe proporcionou de mudança subjetiva. Na Extensão, o psicanalista se depara com o dever de tornar a Psicanálise presente no mundo, de forma a que possa, quem sabe, fazer sintoma social ‘modificando a relação do sujeito com o seu ato’. Psicanálise em intenção e Psicanálise em extensão constituem-se, como dois círculos articulados em continuidade pela Ética da Psicanálise”. Assim comenta Octávio Souza.

Diante desses “impossíveis” de Freud, acredito que é seguindo a linha de atuação da Extensão que essas práticas podem ocorrer, lembrando que o objetivo da Psicanálise não é que o homem alcance a felicidade e sim que ele possa fazer um reconhecimento da realidade do nosso mundo; da sua realidade psíquica, que se constitui de pura diferença de um a outro; das suas ações e opções, dos seus riscos e limites, para que possa promover novas condutas que lhes permitam operacionalizar melhor o curso da sua vida.

Ampliando a abordagem desse tema, cabe aqui fazer referência aos Discursos Radicais de Lacan. Na prática institucional pode-se ter interrelacionados os discursos, Universitário, do Mestre e também o do Analista, em contraposição a estes encontra-se também seu outro discurso, o do Capitalista. Para falar dele tomo de início, as palavras de Bucher, que nos apontam para essa questão: “Sabemos que interesses diversos criam simulacros que, com frequência, distorcem as propostas tanto da Educação quanto da Prevenção”.

Dizer de outra forma seria considerar que sob o domínio desse mesmo discurso, o do Capitalista, o homem pode ficar reduzido a um mero peão no tabuleiro de xadrez da contemporaneidade, manejado como objeto de consumo, produto, o que traz como consequência um sujeito sem sintoma, sem direito a reconhecer a sua divisão subjetiva, sem opção de escolha. Não é um discurso que possa trabalhar a favor da Prevenção, pois essa condição discursiva estabelece valores equivocados tornando o global como mais valoroso que a diferença, que a subjetividade, ou que a individualidade de cada um.

As variáveis desse discurso Capitalista invadem a privacidade do homem, sem que ele perceba, seja pela mídia, pela lógica de mercado, pela competição. Esse discurso foi estabelecido por Lacan, em momento posterior, e traz os mesmos elementos distribuídos em lugares diferentes da fórmula dos outros quatro radicais, representando uma distorção que acaba sendo a posição do discurso atual, do discurso comum.

Acredito que, diante das armadilhas que permeiam e rondam o sujeito e suas relações e que acabam por afetar também os objetivos estabelecidos para a Prevenção, é importante que seja estimulada a circularidade dos discursos cabíveis e que sejam definidos os campos de atuação das disciplinas envolvidas, observando-se os pressupostos teóricos de cada uma.

Interdiscursividade e Interdisciplinaridade como um recurso, uma estratégia para consecução das metas previstas para cada Instituição. A Ética seria o paradigma de todos os campos do Saber, principalmente daqueles que se referem à dimensão e ao universo das adições e das toxicomanias.

GUACIARA PEDREIRA COELHO

Psicanalista

Membro Inscrita do Espaço Moebius Psicanálise

Psicoterapeuta do CETAD

Salvador, Outubro de 2001

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bucher, Richard:* Desafios para a Educação Preventiva – UNB;
- Freud, Sigmund:* Prefácio à Juventude Desorientada de August Aichhorn, 1925, vol. XIX, Ed. Imago;
- Lacan, Jacques:* O Averso da Psicanálise – Seminário 17, Ed. Zahar;
- Lajonquiere, Leandro de:* Notas de Psicanálise e Educação, 1997, Estilos da Clínica – PUSP;
- Souza, Octávio:* Clínica do Social, 1991, Ed. Escuta.